

ENSINANDO A SER HOMEM. A CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA

Getúlio Nascentes da Cunha¹

A questão da diversidade seja ela de raça, gênero ou orientação sexual é cada vez mais relevante dentro da sociedade brasileira. Uma onda de conservadorismo se afirma em vários setores da sociedade, trazendo perigo para conquistas importantes que foram obtidas aos longos dos anos. Nesse sentido, a construção de uma consciência da importância do respeito ao outro, em suas múltiplas diferenças, deve ser construída ainda numa fase de formação como forma de solidificar esse respeito.

Partindo-se dessa ideia a escola tem um papel fundamental nessa construção. O respeito à diversidade de raça e etnia tem ganhado projeção a partir da aprovação da lei 10.639/03, que determinou a introdução do ensino de História e Cultura afro-brasileira no ensino fundamental. Por outro lado, as questões relacionadas a gênero e orientação sexual tem levantado maiores controvérsias, já que em muitos momentos esbarram em convicções religiosas de difícil negociação. Tentativas de implantação de disciplinas de educação sexual tem causado acirradas polêmicas, quando acabam sendo interpretadas por alguns setores sociais como formas de incentivo a formas de sexualidade que não são as tradicionais.

Apesar das disputas a temática não pode ser negligenciada ou abandonada pela escola. É função dele trabalhar para a construção de uma sociedade democrática onde todos tenham seus direitos sociais respeitados. Em texto de 2001, a historiadora Maria Izilda chamava a atenção para o potencial de mudanças que havia sido trazido pelos estudos de gênero (MATOS, 2001, 46). A desnaturalização das noções do que era ser homem e mulher, colocou toda uma série de outros conceitos em questão. Afinal, se algo que nos parecia tão natural, podia ser questionado e modificado porque não trabalhar para que outras mudanças ocorressem.

É esse potencial de mudança que fez com que os estudos de gênero fossem fortemente abraçados por aqueles que se encontravam de alguma forma alijados do acesso ao poder, do acesso a um reconhecimento que era comum a outros segmentos da

¹ Professor Associado da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão

sociedade. Não é por outra razão que os estudos de gênero foram muitas vezes confundidos com estudos sobre mulheres e sobre gays. Ao se denunciar que as definições do que significava ser homem e mulher traziam implícitas uma estrutura de poder que invariavelmente inferiorizavam todos aqueles que não se encontravam dentro do padrão ideal do ser homem, os estudos de gênero foram abraçados por aqueles que se encontravam em situação de inferioridade e precisavam denunciar e mudar essa situação.

Talvez por isso, segundo Giffin, apud BOTTON

Karen Giffin aponta que os primeiros estudos feministas recusaram a participação dos homens e dos “mens studies” – pois além de estar se consolidando enquanto um campo delimitado – as feministas consideravam que os homens eram os únicos beneficiados pelo sistema de gênero, assim, não passíveis de serem estudados pela nova abordagem que pretendia dar voz às mulheres

Com isso, houve uma demora na percepção de que também os significados do que era ser homem, implicavam em relações de poder que inferiorizavam alguns homens em detrimento de outros. O que fazia que também fosse importante se estudar os homens/as masculinidades. Mudar a sociedade não passa apenas pelo empoderamento daqueles setores que tradicionalmente foram excluídos, mas passam também por mudanças dentro dos grupos dominantes, até como forma de facilitar o empoderamento dos outros grupos, mas também fornece armas àqueles homens que desejam abandonar os padrões clássicos de masculinidade e se libertar dos mitos ligados a eles (BAUBÉROT, 2013, 207)

Apesar disso, como afirma Miguel Vale de Almeida, durante um tempo os Men’s studies pareceram ser marcados por um caráter mais revanchista em relação aos estudos feministas, do que de fato uma proposta de trabalho conjunto na busca de uma sociedade mais justa, onde as estruturas de poder são mais claramente percebidas e questionadas (ALMEIDA, 1996, 162). Ainda assim, foi perceptível o crescimento da produção sobre as masculinidades a partir dos anos 1980, principalmente no mundo anglo-saxão. No Brasil, apesar de textos pioneiros de Dulval Muniz de Albuquerque Jr. e Maria Izilda Souza Matos, os estudos de masculinidades são ainda uma novidade em

muitas universidades. Áreas como a Psicologia e a Saúde Pública parecem ter maior destaque do que as Ciências Humanas e a História².

Isso ainda faz com que haja um questionamento por parte de alguns sobre os estudos de masculinidades, como ouvi há pouco tempo: “Por que você estuda masculinidades? Afinal toda a história feita até hoje não foi essencialmente uma história de homens?” Então, o que significa exatamente estudar as masculinidades? Robert Connell define as masculinidades como “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”. Ou seja, a masculinidade está ligada a uma situação histórica concreta, já que se configura como prática, é portanto, é múltipla, não só espacial e temporalmente, mas também em um mesmo espaço. Segundo Maria Izilda, para os estudos sobre masculinidades

sobrevêm a preocupação em desfazer noções abstratas de “homem” enquanto identidade única, a-histórica e essencialista, para pensar a masculinidade como diversidade no bojo da historicidade de suas inter-relações, rastreando-a como múltipla, mutante e diferenciada no plano das configurações de práticas, prescrições, representações e subjetivações, campos de disputa e transformações minadas de relações tensas de poder.

Essa múltiplas masculinidades, já que não se pode falar de uma única masculinidade, levou ao desenvolvimento, por Connell do conceito de masculinidade hegemônica que seria:

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens.

É preciso levar em consideração ainda, que como aponta Miguel Vale de Almeida, não se pode ligar masculinidade e feminilidade, respectivamente a homens e mulheres. Masculinidade e feminilidade “são metáforas de poder e de capacidade de ação, como tal acessíveis a homens e mulheres. Se assim não fosse, não se poderia falar nem de várias masculinidades nem de transformações nas relações de gênero”. Mas a maioria dos estudos se centram nas masculinidades dos homens.

² Esse destaque das duas disciplinas, podem em grande medida ser atribuída à própria necessidade de se criação de políticas públicas direcionadas aos homens, o que acaba refletindo no mundo acadêmico.

Um aspecto importante dentro da masculinidade é a questão da paternidade. Aqui também estamos diante de um conceito bastante móvel. Nos acostumamos a pensar o pai como aquele que gerou biologicamente o filho. Mesmo quando, diante da crescente pluralidade de formas de família, se tornam mais comuns afirmações como a de que “pai é quem cria”.

No livro “O lugar do pai. Uma construção imaginária”, o psicólogo José Maurício da Silva, mostra como nas várias sociedades humanas, o papel de pai foi atribuído de modo bastante diferente a várias categorias de pessoas. Assim foi bastante comum a ideia de vários pais (todos os homens com quem a mulher teve relações ao longo da gravidez), de um pai único, mas que não era o biológico e sim seu irmão. Ou mesmo a possibilidade de um pai mulher. Na sociedade Bavenda da África do Sul, as mulheres que são filhas únicas não podiam gerar filhos, se casavam com outras mulheres que engravidavam de seus amantes homens e o filho considerava como pai a mulher.

Da mesma forma, nas sociedades ocidentais o papel do pai não se manteve estável, o pai já teve o poder de determinar quem seriam seus filhos, condenando filhos genéticos à morte e/ou adotando outros como filhos, no caso romano, que exigia o ato formal de elevação do filho, como escolha pública pela paternidade. Se o pai se manteve como o elemento forte e dominador da família ao longo dos séculos, sua autoridade foi questionada durante a Revolução Francesa. Ao longo do século XIX há uma clara mudança no sentido de uma maior aproximação entre pais e filhos/filhas, com os pais assumindo uma maior preocupação com o encaminhamento social de todos, para além da simples manutenção do nome da família. E hoje se fala em muitos lugares da sua inutilidade, afinal, a concepção assistida eliminaria sua existência física. Muito se fala inclusive na possibilidade de seu desaparecimento.³

Muitas mudanças atingiram a paternidade ao longo do tempo, mas ainda há uma diferença clara entre pais e mães. Segundo Elisabeth Badinter,

Em 1985, uma mulher assalariada dedicava 42 minutos do seu dia aos cuidados materiais dos filhos, enquanto seu *alter ego* macho não lhes concedia mais que seis minutos. Mesmo nos lares que se pretendiam

³ Ver a respeito ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

igualitários, os estudos americanos avaliam o envolvimento médio do pai e da mãe em 35% e 65%, respectivamente. (p. 172)

Dados ainda piores, mostram que em 1988, na França, 39% dos filhos de pais separados não viam mais seu pai e que 23% deles o viam menos de uma vez por mês. Em 85% dos casos de divórcio e na quase totalidade das separações em relações não formais, a guarda das crianças ficava com a mãe (BAUBÉROT, 2013, 210)

Há em muitos países tentativas de aumentar a participação dos pais na criação dos filhos⁴. Da mesma forma que houve um crescimento do número de pais que criam seus filhos sem a presença da mãe. Mas há um longo caminho a ser percorrido. Elisabeth Badinter, em seu livro “XY. Sobre a identidade masculina”, defende a ideia de que apenas uma transformação profunda na masculinidade pode levar a uma sociedade onde o fim da estrutura de poder criado pelo patriarcado seja de fato abolida. Para isso seria necessária uma reconstrução da masculinidade que levasse à incorporação de valores femininos, o que para ela passa, necessariamente por um contato mais profundo dos pais com filhos, principalmente nos primeiros meses de vida.

No Brasil ainda estamos longe dessa possibilidade. Afinal, a licença paternidade de cinco dias, pouco estimula esse contato. Temos ainda uma licença paternidade pensada como forma de permitir ao homem o registro de seu filho. Ou seja, a função do pai é ainda vista como aquela patriarcal de dar um sobrenome, ligar o filho a uma ascendência, uma linhagem. Campanhas pela ampliação da licença maternidade não tem dito muito efeito. Mas as mudanças estão ocorrendo, sinal disso é a recente aprovação da guarda compartilhada como princípio em todas os casos de separação entre os cônjuges. Entretanto, é preciso que muito seja feito para que a paternidade seja de fato um direito, mais do que uma obrigação. Por isso precisamos que a escola, junto com as questões ligadas à diversidade, trabalhe também no sentido da construção de uma nova paternidade.

Para isso, propomos o trabalho com dois livros literários, *O Ateneu*, de Raul Pompéia e *Infância*, de Graciliano Ramos. Antes de mais nada, é preciso deixar claro que não se tratam de livros que tenham a paternidade como foco. Ao contrário, todos

⁴ É o caso da Suécia, onde a licença maternidade pode ser dividida entre pais e mães de acordo com a conveniência do casal, sem privilégio de um ou outro.

dois são essencialmente livros de formação, que têm na passagem da infância à vida adulta um de seus temas. Na verdade, assim como na literatura americana, analisada por Josep M. Armengol-Carrera (2008) a paternidade é assunto muito pouco tematizado na literatura brasileira. É difícil pensar num romance brasileiro onde a figura paterna seja uma personagem de destaque, ou mesmo num romance que tematize explicitamente a experiência da paternidade.

Ainda assim, estamos nos dois casos diante de duas figuras bastante diferentes de pais, o que possibilita um trabalho em torno da questão das múltiplas possibilidades de ser pai.

Os livros foram escritos em momentos diferentes 1888 e 1945, mas remetem a períodos históricos bastante próximos, o último quartel do século XIX. Momento que, no Brasil, é de grandes mudanças no papel do pai. Estamos diante de uma família onde o matrimônio foi fruto de uma escolha e não de uma imposição, o que leva ao aumento do amor pelos filhos:

A família interiorizada é a família em que filhos e pais valorizam o convívio íntimo entre eles; os pais educam os filhos interessados mais no desenvolvimento físico e emocional, realçando a individualidade de cada um e levando e educando para uma maior consciência desta singularidade e, finalmente, amor entre os pais e filhos será a base da coesão familiar. (SILVA, 2010, 96)

Nos dois livros estamos diante de famílias ainda com um ranço mais tradicional. Fica clara uma separação de papéis entre o marido/pai e a esposa/mãe. Isso se reflete inicialmente no próprio espaço ocupado. Nos dois textos à mulher cabe antes de mais nada o espaço doméstico, da casa. Mas a postura do pai em relação ao filho, demonstra um início de afetividade, ainda que mascarada por certa distância.

O Ateneu é a história de Sérgio e sua experiência enquanto aluno de um internato no Rio de Janeiro. Sérgio tinha então 11 anos e passou dois anos no internato antes de que um acidente resultasse no incêndio do prédio e no fim do romance. O pai pouco aparece na história. Ele quase que apenas abre e fecha o texto. A primeira frase do texto é exatamente uma fala do pai: “Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta” (POMPEIA, 2013, 29). A ilustração que também acompanha essa parte do livro, transmite uma ideia de proximidade entre pai e filho.

Aqui, como afirmou Silva mais acima, a grande preocupação do pai é com o encaminhamento do filho, para a construção de uma individualidade. Até então Sérgio tinha sido educado em casa com professores particulares e reconhece no Ateneu essa função: “O internato! Destacada do conchego placentário da dieta caseira, vinha próximo o momento de se definir a minha individualidade” (POMPEIA, 2013, 30) e completava mais a frente:

Mas um movimento animou-me, primeiro estímulo sério da vaidade, distanciava-me da comunhão da família, como um homem! Ia por minha conta empenhar a luta dos merecimentos; e a confiança nas próprias forças sobrava (POMPEIA, 2013, 31)

Também no dia de entrar para o internato há o reconhecimento da afeição do pai, pelo próprio Sérgio. Ao serem conduzidos a uma visita pelos prédios, Aristarco, o dono e diretor do Ateneu, fez todo um discurso sobre as funções da instituição. Segundo ele seu objetivo era antes de mais nada a formação do caráter, a imposição de uma moral rígida. Frente a esse discurso, Sérgio tremeu de medo e acrescentou “afianço-lhes que o meu [pai] tremeu por mim” (POMPEIA, 2013, 52).

Outro sinal dessa afetividade que existia entre pai e filho eram as visitas periódicas que o pai fazia todos os sábados ao filho. A mãe, não participava dessas visitas, já que não participava da vida pública da família. Infelizmente o pai foi acometido de uma doença que o forçou a permanecer no leito e finalmente vai levar a família, com exceção de Sérgio à Europa (POMPEIA, 2013, 96, 262). Prova o sentimento recíproco entre pai e filho foi a queda mística que o sofrimento do pai causou em Sérgio.

Para além do sentimento, a real mudança no papel do pai, representado em *O Ateneu*, pode ser visto na carta que o pai manda de Paris, durante o período de sua recuperação. A carta tem um tom de pessimismo do pai, que doente se sente oprimido por Paris e seu movimento, e que antes de abençoar o filho, diz “Parece que é a vida que foge”. Mas o início, dirigido ao filho, é um convite à vida, um encorajamento para um filho que também se encontrava doente com sarampo.:

Salvar o momento presente. A regra moral é a mesma da atividade. Nada de amanhã, do que pode ser hoje; salvar o presente. Nada mais preocupe. O futuro é corruptor, o passado é dissolvente, só a atualidade é forte. Saudade, uma covardia, apreensão outra covardia. O dia de amanhã transige; o passado entristece e a tristeza afrouxa. (POMPEIA, 2013, 267)

O conselho do pai é para que se viva o presente, o momento atual, não de forma despreocupada, mas com a certeza de valorizar cada instante. São sinais de um pai que mesmo a distância, olha e se preocupa com o filho, deseja que ela construa um caminho, uma personalidade. Claro, é um pai que ainda tem uma visão de masculinidade pautada na coragem, na determinação, na realização e que espera que seu filho desenvolva essas qualidades.

Infância, apesar de ter sido publicado em 1945, tem seu enredo centrado na transição do século XIX para o XX, sem uma data precisa. O livro é considerado como uma memória, mas existe aqueles que o consideram como um misto de memória e ficção. A história começa com as primeiras lembranças do protagonista, que nunca é nomeado, e segue até seus 10-11 anos. Aqui há uma presença mais constante do pai, e sua imagem se fixa e permanece constante deste o início, assim como a da mãe:

Nesse tempo meu pai e minha mãe estavam caracterizados: um homem sério, de testa larga, uma das mais belas testas que já vi, dentes fortes, queixo rijo, fala tremenda; uma senhora enfezada, agressiva, ranzinza, sempre a mexer-se, bossas na cabeça mal protegida por um cabelinho ralo, boca má, olhos maus que em momentos de cólera se inflamavam com um brilho de loucura. (RAMOS, 2008, 16)

Ao contrário de *o Ateneu*, onde a mãe de Sérgio era o próprio símbolo do cuidado e da afeição a mãe do jovem Graciliano é sempre mostrada como uma mulher extremamente rígida e raivosa, ainda que em alguns momentos conseguisse abrandar sua dureza (RAMOS, 2008, 79). Mas formavam uma família tradicional, típica do patriarcado. O pai era filho de um antigo senhor de engenho que acabou perdendo tudo. E também o pai de Graciliano decide abandonar a vida rural e recomeçar a vida como comerciante na cidade. O patriarcado ainda era suficientemente forte para que uma irmã mais velha e natural, morasse com a família. Graciliano chega a, apontar nessa presença a razão da raiva da mãe, ainda que no presente o pai apresentasse um outro comportamento (RAMOS, 2008, 26).

Ao contrário da maioria das crianças do povoado onde passa a morar, o protagonista não tinha liberdade de movimento. Era-lhe vetado sair de casa, passando o tempo todo em casa junto das irmãs e os pais, já que a loja era contígua à casa.

A relação do protagonista com o pai é uma relação sempre conflituosa, que muitas vezes beirava o medo. O pai se mostrava sempre severo e sem paciência, disposto

a impingir castigos brutais ao filho. Graciliano se sente inferiorizado frente ao pai. A razão disso se encontra num episódio que ele denomina como seu primeiro contato com a justiça. O pai procura por um cinturão e não o acha. De imediato julga o menino como o culpa e exige a devolução. Incapaz de dizer algo em sua defesa, o menino é vítima da fúria do pai:

Havia uma neblina, e não percebi direito os movimentos de meu pai. Não o vi aproximar-se do torno e pegar o chicote. A mão cabeluda prendeu-me, arrastou-me para o meio da sala, a folha de couro fustigou-me as costas. Uivos, alarido inútil, estertor. (RAMOS, 2008, 36)

Logo depois o pai descobre o engano. O cinturão estava na rede onde o pai, ao dormir o havia desprendido e lá ficara. O transtorno do pai com o ocorrido é inegável, sua fisionomia se transforma, os olhos baixos encontram o filho encolhido em um canto. Apesar da inquietação que tomou conta do pai, ele não foi capaz de se aproximar do filho em busca de uma conciliação, reforçando o medo do filho (RAMOS, 2008, 37)

Mas o pai não era uma figura ausente, preocupava-se com o destino do filho e será o seu primeiro professor, tentando sem sucesso ensinar-lhe as primeiras letras. Fato que em lugar de melhorar a relação vai causar ainda mais conflito, já que o pai não tinha paciência com o seu aprendiz:

Sozinho não me embaraçava, mas na presença de meu pai emudecia. Ele endureceu algumas semanas, antes de concluir que não valia a pena tentar esclarecer-me. Uma vez por dia o grito severo me chamava à lição. Levantava-me, com um baque por dentro, dirigia-me à sala, gelado. (RAMOS, 2008, 112)

O resultado dessa relação para o jovem, foi uma grande sensação de insegurança: “no íntimo julgava-me fraco. Tinham-me dado esta convicção e era difícil vencer o acanhamento” (RAMOS, 2008, 123). Mas reafirmava a patriarcalidade que imperava na família. Não há referência a que as irmãs, também tenham sido ensinadas a ler e escrever e a irmã natural é apresentada como quase analfabeta. Da mesma forma, essa irmã será impedida pelo pai de casar com um pretendente de que gostava (RAMOS, 2008, 166)

Estamos diante de dois pais bastante diferentes entre si. Nos dois casos estamos diante de famílias onde o patriarcalismo era forte, com mulheres submissas à autoridade do marido e do pai. Os pais, apesar da preocupação que demonstravam para com os filhos, agiam de forma bastante diferente. Mas nos livros não exercem uma

influência naquilo que é o central na narrativa. *O Ateneu* é essencialmente um relato da descoberta da sexualidade por Sérgio, passando pela homossexualidade até a descoberta do sexo feminino. Já *Infância*, é a história da descoberta do prazer da literatura, coisa que Graciliano não vai ter nas aulas com o pai, é só descobrirá mais tarde na biblioteca do escrivão da cidade.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Miguel Vale de. “Gênero, masculinidade e poder. Revendo um caso do Sul de Portugal”. *Anuário Antropológico*, 95, 1996, p. 161-190.

ARMENGOL-CARRERA, Josep M. “Where are fathers in american literature? Revisiting fatherhood in U.S. literary history”. *The Journal of Men’s Studies*, vol. 16, n. 2, spring 2008, p. 211-226

BADINTER, Elisabeth. *XY. Sobre a identidade masculina*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BAUBÉROT, Arnaud. “Não se nasce viril, torna-se viril”. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). *História da virilidade. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013.

BOTTON, Fernando Bagiotto. “As masculinidades em questão: uma perspectiva de construção teórica”. *Revista Vernáculo*, n. 19 e 20, 2007, 109-120.

CONNELL, Robert. Políticas da Masculinidade. *Educação e Realidade*, vol. 20 (2), 1995.

MATOS, Maria Izilda Sousa. “Por uma história das sensibilidades. Em foco – a masculinidade”. *História: Questões e Debates*, n. 34, 2001, p. 45-63

OLIVEIRA, Pedro Paulo. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Ed. UFMG/IUPERJ, 2004



POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013

PRIORE, Mary del. “Pais de ontem: transformação da paternidade no século XIX”. In: PRIORE, Mary del e AMANTINO, Márcia (orgs.). *História dos homens no Brasil*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2013.

RAMOS, Graciliano. *Infância*. 40ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SILVA, José Maurício da. *O lugar do pai*. Uma construção imaginária. São Paulo: Annablume, 2010.

ZOJA, Luigi. *O pai*. História e psicologia de uma espécie em extinção. São Paulo: Axis Mvndi, 2005.